

Reavaliando a fraseologia II – datações e conjecturas

Jean Lauand¹

Resumo: Este artigo dá continuidade ao estudo de mesmo título (parte I) nesta mesma edição. Partindo do exame de jornais e revistas dos séculos XIX e XX), discute e propõe datações para expressões utilizadas no português do Brasil. Parte I em RIH 36 e Parte III em Convent 22 (hottopos.com)

Palavras Chave: fraseologia. falsas etimologias. português do Brasil. expressões idiomáticas.

Abstract: This article, as a part II, continues the study of phraseology initiated in this same edition. Examining newspapers and magazines from 19th century to present it discusses (and proposes some corrections to) traditional phraseological interpretations and datation of some Brazilian idioms.

Keywords: phraseology. false etymologies. Brazilian idioms.

Como dizíamos no artigo anterior, a consulta a jornais e revistas antigos pode ajudar, e muito, a evitar escorregar em “intuições” sem fundamento real. Também neste artigo, procuraremos esclarecer, documentadamente, o sentido e a datação de algumas expressões da língua falada no Brasil; por vezes conjecturando, mas sem as certezas dos “iluminados”...

Gírias e novas significações pejorativas em 1920

Começamos pelo interessante artigo “Cartas Holandesas” de Erasmus van der Does (na verdade, pseudônimo do escritor Henrique Castriciano de Souza), publicado em “O Jornal” de 27-12-1921. O autor se diz um holandês que dá notícias do Brasil a um “compatriota” e lamenta sobre alguns novos sentidos que se acumularam em palavras que já existiam e a invenção de “vocábulos cínicos” para “acentuar ofensas e ridicularizar os outros”.

Assim, em 1920, **avançar** passa a significar também “correr ao prato alheio ou ao erário público”, como quando a criança se queixa à professora que o Joãozinho está avançando no lanche dos coleguinhas. **Morder** é “pedir dinheiro sem intenção de pagar”; e **cavar**, “arranjar a vida por qualquer meio” (não estamos longe de “cavar um pênalti”, “conseguiu cavar uma vaga no segundo escalão” etc.).

No segundo caso, o dos vocábulos cínicos, explica o sentido de:

Avacalhar – humilhar, deprimir, dissolver.

Encrenca – na Argentina significa doença; no Brasil, barulho, complicação, enredo, intriga.

Esculhambar – agir brutalmente por palavras e atos contra alguém.

Note-se, a propósito de “esculhambar”, que a palavra aparece já em 1880, no “Carbonário” (14-10-1880), em crítica teatral: “No Recreio tivemos a ‘reprise’ do Conde de Monte Christo. Voltaremos a esculhambar o papel de ‘Edmundo Dantés’, exibido por Dias Braga”.

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

E “encrenca” começa a aparecer – de início de modo tímido; depois muito rapidamente – na primeira década do século XX. Em 1908 a “Gazeta de Notícias” (20-10-08) fala de um desembargador que “quando há qualquer encrenca, como se diz na gíria, abandona a zona”.

Em 10-2-1912, “Careta” dá “encrenca” como sinônimo de “salceiro” (muito usado nos dias de hoje, grafado “salseiro”): “Se em casa de um dos vizinhos há uma encrenca, um salceiro (...)”.

No ano seguinte, nas investigações que se seguiram à violenta repressão aos estudantes, conhecida como “Primavera de sangue”, veio à tona e a imprensa noticiou amplamente a ordem dada aos soldados:



“O Malho” de 9 de outubro de 1910 - “Vista-se à paizana e vá para o Largo de São Francisco! Quando rebentar a encrenca é preciso dançar de velho [aplicar violência]”

Em 8-3-1919, o “A República” de Curitiba, publica uma lista “Brasileirismos – Gírias correntes no Paraná”. Destacamos as seguintes:

- Acuação [estar acuado] – latido dos cães quando a caça está à vista.
- Amollador – cacete, importuno.
- Bóia – comida.
- Calote – logro.
- Catinga – fedor.
- Chinfrim – coisa sem valor.
- Chumbeado – um tanto alcoolizado.
- Desbragado – vertiginoso.
- Esbórnica – orgia.
- Escangalhar – estragar.
- Esculhambar – estragar, dizer desaforos.
- Forrobodó – baile barato, conflito.
- Furo – noticiar qualquer coisa sensacional antes que outros noticiassem.
- Jararaca – mulher má. [O “Jornal Pequeno” de 30-1-10, em contexto jocoso, já designa sogra por jararaca].
- Medalhão – indivíduo bem colocado.
- Média – xícara de café com leite e pão.
- Merenda – repasto (lunch).

Morder – pedir dinheiro.
Pato – sujeito tolo que se deixa explorar.
Petisco – comida, coisa boa.
Pichote – novato.
Pileque – bebedeira.
Pucha sacco – adulator.
Rata – fazer coisa errada julgando estar certa.
Remelecho – remexido.
Roda – reunião de pessoas.
Rolo – briga
Tiririca – zangado.
Toupeira – sujeito ignorante.

Outras duas gírias, que podem ser (relativamente) datadas são **bambambam** e **brocha**.

Em 16-7-1918 a “Gazeta de Notícias” anuncia:

A gíria popular acaba de criar um termo novo: o bambambam. Significa o chefe, o grande, o poderoso, o batuta. (...).

O periódico pornográfico “O Rio-Nú”, “periódico bi-semanal caústico, humorístico e ilustrado”, fundado em 1898 e que declarava em 1899 tiragem de 15000 exemplares!), utiliza em 5-8-1899, “brocha” em seu novo sentido, o de impotente: “Um brocha velho e cansado / o pobre Manoel de Souza (...)”. Em edições anteriores o termo significava o órgão genital masculino.

O mesmo “O Rio-Nú” já em 13-1-1900 fala em “**esporro**” no sentido de arruaça, quebra pau:

“O final do remeleixo? / De susto quase morro! / Sahio um tipo sem queixo! / Levei um tiro no esporro!!”

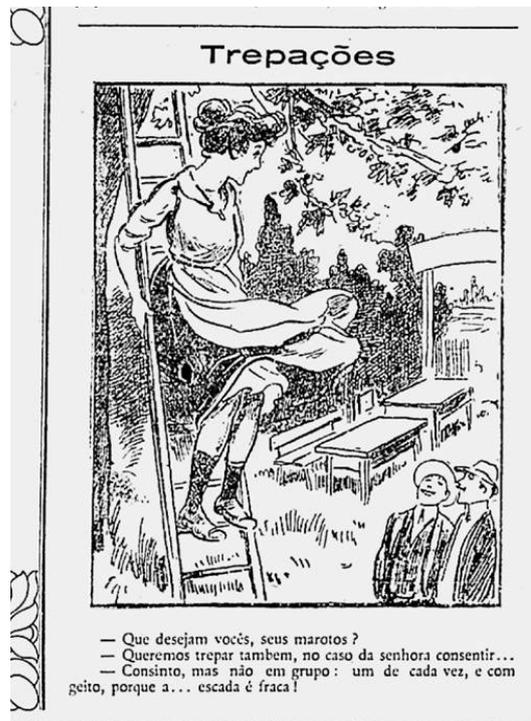
Outras gírias no “O Rio –Nú” (abrev.: R-N)

Sendo de linguagem muito informal, com muitos termos chulos e inúmeras tiradas de duplo sentido (como, por exemplo, entre tantos outros, o uso de “abunda”, “abundância”; nomes autodefinidores como o Dr. Sá Caneta; etc.), é interessante apresentar algumas das gírias desse periódico.

sapecar – No sentido de ato sexual (ou preliminares?), como o faz, cem anos depois, Marcelo Rezende em seu “Cidade Alerta”. Para o carnaval de 1916 (15-1-1916), o R-N lançou uma paródia de “Luar do sertão” (1914), com os seguintes versos:

Ó Phelomena vamos juntos para a troça
Numa idade como a nossa
Quem não gosta de gosar?
Si tu não bebes, ó Belmiro, si não danças,
toma conta das crianças
Para a gente sapecar.

Trepar – Também no sentido acima. Como na caricatura de 5-3-1913 (“trepador” já aparece em 27-06-1903 “Emilio é um trepador medonho”):



Vai se lixar – Já aparece em 1915 (e antes); na caricatura da edição de 20-5-1915, o filho do patrão reclama: “- Ó Margarida, que relaxamento é este? Então , me trazes a água para lavar o rosto cheia de aranhas?”. E a criada responde: “- Ora, vá se lixar! Porventura quer que, com o magro ordenado de vinte mil réis que seu pai me paga, eu lhe ponha na água um crocodilo?”.

Vai se catar – É o que diz a (criada?) Maricota para o (patrão?) parceiro “seu José”, “que está só a brochar” (17-2-1900).

Na edição de 17-5-1905, o colunista Vagabundo dá conselhos de “agricultura”: “Acostumado a **plantar batatas**, e mestre na maneira de melhor enterrar um pepino e cultivar os tomates, vibro hoje o meu talento imenso para ensinar ao Zé Povo alguma coisa de agricultura”

Outras ordinarices. Como as que aparecem na coluna “Versos a concluir” (o exemplo abaixo é de 2-9-1908) e o leitor deve completar as reticências.

Versos a concluir

A minha prima Lili,
 Namorada do Lulú,
 Acha-se um pouco doente
 E só quer tomar.....?

E creio que aquilo é manha
 Porquanto, o tio Ramalho,
 Vendo-a deitada na cama
 Quasi mette-lhe o.....?

Indo eu hontem visitá-la,
 Encontrei-a na saleta
 Pela frente do Lulú
 A fazer-lhe uma.....?

Ou estes de 26-08-1908:

Versos a concluir

Maneco teimou com a Rita
Armando logo disputa
E remate pôz, á dita
Chamando-a grosseira e.....?

Rita que é muito decente
E, que de o ser bem se ufana,
Respondeu-lhe simplesmente :
E's um tolo, és um.....?

Charadas em versos de duplo sentido (no exemplo abaixo: **Pica**). As charadas são outra constante do R-N. Em 20-10-1898, a pergunta é sobre o “inseto” (que pica e seu nome tem as letras c, a r, o):

Pica? pica? ... pica mesmo!
E' damnado p'ra picar;
E custa a fazer sahir
Se accaso o deixam entrar!
Anda-me sempre mettido
Por uns buracos ali
Que não primam por limpeza.
Onde nem vai a Gary!
Querem ver?... Digo então mais,
E é das boas, asseguro:
O bichinho sem vergonha
E' seguro e muito escuro!
Querem mais?... digo-lhes mais:
Este insecto por si só
Tem um c; tem r a
E finalisa por o

DRALINO.

A “Gary” é a empresa de Aleixo Gary, durante muitos anos encarregada da limpeza na cidade. Como por exemplo no anúncio de 15-9-1876 na Gazeta de Notícias:

tesoureiro. *F. D. Machado.*

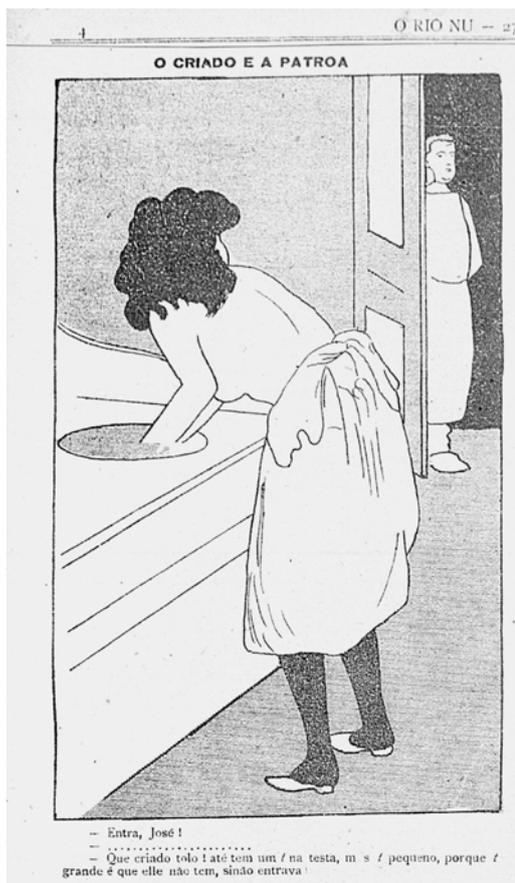
EMPRESA GARY

Nº escriptorio da empresa da im-
 pessa e irrigação d'esta capital, á ru-
 de Gonçalves Dias n. 47, 1º andar,
 assim como na estação da mesma em-
 presa, á rua da Constituição n. 60, re-
 cebem-se avisos e reclamações attin-
 tes aos referidos serviços, e fim de que
 toda s justa requisição e ainda qual-
 quer exigencia razoavel, além das obri-
 gções contrahidas pela empresa, pos-
 em ser devidamente attendidas. Rio
 de Janeiro, 12 de setembro de 1876.—
Aleixo Gary.

gov
 Pa
 Dite
 F
 cam
 elsa
 vap
 C
 gsg
 com
 3.00
 corr
 P
 trat

O número “69”. Também é frequente em alusões. Como no conto “A Boceta” (11-3-1899): “Os pombinhos recém casados tinham seu ninho na Rua Na. Sa. do O, 69”

O eufemístico “T grande” (para tesão, como aumentativo de teso (?)), que muitos “pudorosamente” usam ainda hoje, já aparece em 27-5-1905 no R-N:



“Entra José... - Que criado tolo! Até tem um t na testa, mas t pequeno, porque t grande é que elle não tem, sinão entrava”

Invertidos e veadinhos. Se compararmos com o “humor” de hoje, em que a TV explora à exaustão batidas piadas, trocadilhos e trejeitos homossexuais; no R-N o assunto é relativamente pouco tratado. Naturalmente, na época (e por muitas décadas depois), a homossexualidade era muito menos visível: hermético tabu.

Lembro-me que, na minha infância e adolescência (anos 50 e 60) era raríssimo alguém que se assumisse, pois a repressão seria literalmente violenta. Suspeitava-se de um ou outro “mais delicado” no bairro e algum caso explícito era, na melhor das hipóteses, considerado como grave doença.

O R-N refere-se ao homossexual como **invertido**.

Cocota considerava o primo um invertido (...) um dia ella não resistiu ao nojo que lhe causava o feminismo do primo (...) e declarou-lhe positivamente – abominal’o. [Revela a uma amiga que sentia desejos pelo primo] mas o monstro não me comprehendia ou não *podia* comprehender-me. (19-1-1910).

O falar afetado e superlativo:

Intelligentissimo, peritissimo, illustrissimo, queridissimo e tudo o mais terminado em issimo, o Sr. João Pelludo é o modelo dos nossos Gouveias invertidos (10-7-1912)

No “obituário” de 1-10-1912,

Mario Santos, invertido (...) natural da Grecia Antiga. Causa mortis: Beijocamentos cavaignaqueados e amigações barbudas... a dinheiro à vista.

Na seção de consultas por carta (15-08-1914), o colunista João Duro responde a um consulente, que se queixa que não tem *entusiasmo* (tesão):

Puro engano! Você tem *enthusiasmo*, e muito. A questão é que você nasceu invertido. O seu *enthusiasmo* está em outro lugar. Procure bem, que ha de achal-o pelas regiões da espinha dorsal. Funcione ás avessas que é a sua vocação.

Veado, veadinho, não se aplicam aos homossexuais, mas, aos chifrudos, maridos traídos:

PERGUNTA

Se anda o marido enfeitado

Como um veadinho qualquer

Se a sorte tem o coitado

De andar no mundo esgalhado

O que é que fez a mulher? (14-7-1900)



— Não lhe serve este veadinho para o seu filho? Veja que linda armação.
— Prefiro o elephante. O veado, levarei para meu marido; quero presentear-o com uma armação...

- Prefiro o elephante. O veado, levarei para meu marido, quero presentear-o com uma armação...

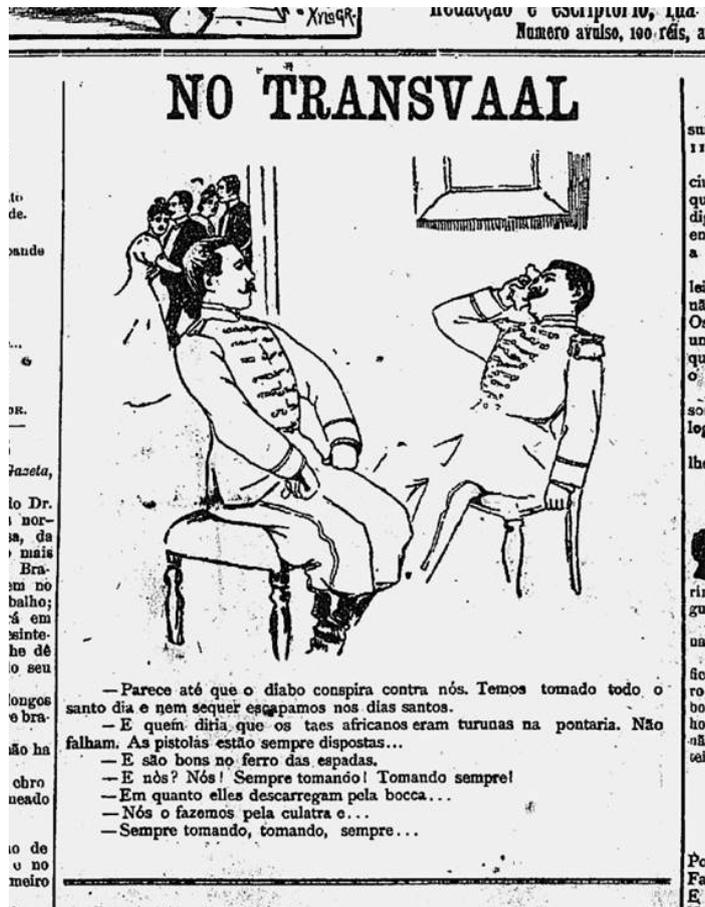
Palpites certos



— E o marido de vossa excellencia não se incommoda com a sua demora por tanto tempo?

— Nada, absolutamente, porque logo que chego dou-lhe bons palpites na cabra, no touro, no veado, e elle ganha na certa...

Uma das metáforas para referir-se à homossexualidade e aos “maricas” é Krupp, ou “canhão Krupp”, que se “carrega p’la culatra...” (10-2-1900 /e 28-10-1899 resp.; com as alusões de ferro, pistola...)



Oficiais da Segunda Guerra dos Bôeres



Veado e **bicha** terão de esperar muitas décadas até passarem a designar insultos para homossexuais. A datação positiva é difícil pois são palavras que a imprensa tende a evitar. Em todo caso, há algumas indicações indiretas importantes.

Se o sentido pejorativo já existisse, seria incompreensível que na difundidíssima revista “O Cruzeiro”, em conto de 20-7-1946, a mãe se gabasse da viveza e da formosura de seu filho nestes termos:

- Que garotinho bonito, que amor!
- É sim senhora. Mas é muito travesso – sorriu Marta orgulhosa. Parece um veadinho negro.

Como também, ao longo de toda a década de 50 (e ainda em 1961) encontramos jogadores cujo nome de guerra é (sem nenhum problema) Veadinho, como um famoso artilheiro de Uberlândia.

O mesmo ocorre com a palavra “bicha”, aplicada ao homossexual. A primeira referência que encontrei na imprensa foi na “Última Hora” de 6-11-1959. Um criminoso especializado em assaltar e “depenar homossexuais”, conta ao repórter (disfarçado?) que estava precisando de dinheiro e que iria morder “algum invertido rico”, “junto aos pederastas”. Ao fisgar um homossexual americano, confia ao repórter que vai dar o bote:

“Vai ver como se trabalha uma ‘bicha’ sem-vergonha”.

A revista “O Cruzeiro” até 1952 usa a palavra “bicha” como fila (sentido até então corrente no Brasil e que persiste ainda hoje em Portugal), com a qual vai alternando, como no emblemático trocadilho “dicionarístico” de Péricles, na edição de 19-1-1952:

“FILAMENGO – uma bicha de torcedores do rubronegro”.

Só em 2-8-1966, por ocasião da Copa do Mundo, “O Cruzeiro” usa “bicha” para designar homossexual. Os jogadores brasileiros acabam de chegar a Londres. Em meio ao furor de flashes, pedidos de autógrafos etc., Pelé

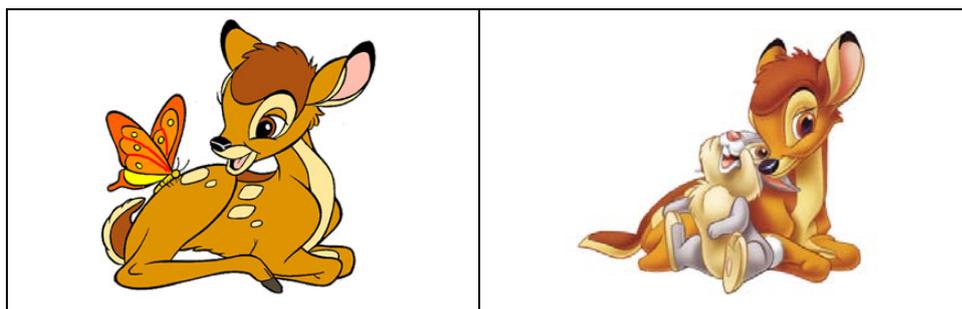
“viu uma bicha enorme, lourão e com a maior cabeleira do mundo sentar-se ao lado do Garrincha e abraçar o Mané”. Pelé com Paulo Amaral afastam a figura e Garrincha agradece:

“Obrigado, Negão. Além de bicharoca, o cara era forte às pampas. Já pensou se a Elza me vê com um desses ao lado? Ia ficar chato...”.

Mas uma coisa é o registro escrito da época e outra o uso real na língua viva do povo. Pelas minhas recordações de ginásio, digamos em torno de 1965, lembro-me do uso vivíssimo dessas palavras na escola. Por exemplo, no primeiro dia de aula havia terror entre os alunos cujos nomes começavam pelas letras J, L, M ou N: o medo de ser o número 24 na lista de chamada, era garantia de bullying por todo o ano.

Talvez dois filmes de enorme sucesso tenham contribuído para a nova acepção da palavra “viado”: “Bambi”, de 1942 e “Juventude transviada”, com James Dean, de

1955. A delicadeza do “veadinho” Bambi é facilmente associável aos trejeitos estereotipados:



Já a palavra “transviado” tinha virado moda para falar de diversas situações de violência e não só dos “Rebeldes sem causa”. Mas fornecia também eufemismos para a recente acepção de viado. Como na famosíssima marchinha de carnaval “A cabeleira do Zezé” (1964): “Será que ele é bossa nova? / Será que ele é Maomé? Parece que é trans-viado... (com um ligeiro breque depois de trans...)”.

Assim, “A Última Hora” de 27-5-59, fala do tio Jair, um sujeito simpático, doce e manso “Tanto que, passado dos tantos, tio Jair está sempre cercado de moços, sem ser transviado”.

E já em 7-9-1957, a “Revista do Rádio” traz a opinião de Pixinguinha sobre os fan-clubes:

PIXINGUINHA
— **Acredito em Fan-Clube para mulher, para cantora. Para homem, cantor, já acho um pouco maroto. Além disso, acho que êste negócio de ser fan só pode ficar bem para mulher, que pode escrever para o artista, pedir seu retrato, etc., etc. Agora, fan masculino, pelo menos para mim, é um pouco transviado.**

Como dizia, as duas palavras estavam vivíssimas nas escolas, na época. No Colégio Bandeirantes (já na época um dos maiores de São Paulo), onde eu estudava, a direção não permitia a saída da escola na hora do recreio, obrigando os alunos a comprar lanches somente na cantina interna, do seu Luiz. O velho e franzino bedel, em seu avental cinza amarrotado, seu Pedro, super boa gente e muito querido pelos alunos, se encarregava de ficar junto ao portão, que dava para a Rua Stella, para impedir a saída durante o intervalo. O recreio era separado em dois pátios incomunicáveis: o dos meninos e o das meninas.

Todos os dias, logo que dava o sinal para o recreio, os meninos (centenas) repetiam um ruidoso ritual de protesto. Quase todos os alunos subiam a rampa para encarar o seu Pedro no portão (menos alguns traidores espertinhos que iam direto para a cantina, ainda sem filas). Subíamos cantando uma paródia do hino de Nossa Senhora

de Lourdes (“Ave, ave, ave Maria”), a centenas de vozes, se bem me lembro, com os seguintes versos:

É hora do lanche
Queremos um pão
Estamos com fome
Abre o portão

Abre, abre, abre o portão! (2 vezes)

O seu Pedro continuava impassível, mesmo sabendo como continuaria o ritual. Uma voz puxava o coro com perguntas:

O seu Pedro é peixe?
Todos: Nãããõ!
Ele é jacaré?
Todos: Nãããõ!
Então, que que ele é?
Todos: Bi-cha, bicha, bi-cha!! [era estrondoso!]

Concluída essa parte do ritual de protesto, todos, sempre pacificamente, desciam a rampa, agora em direção à cantina do seu Luiz, onde já se aglomeravam filas de fregueses, gritando seus pedidos, e brandindo dinheiro trocado para facilitar o atendimento. O canto agora era uma paródia do famosíssimo jingle dos biscoitos São Luiz:

É hora do lanche
Que hora tão feliz
Queremos o c* do seu Luiz [original: biscoitos São Luiz]

O seu Luiz é peixe?
Todos: Nãããõ! etc.



Só então começava o recreio de verdade: futebol de tampinha, corre corre, etc.

Quando o professor B., de quem se suspeitava que fosse homossexual, aprontava alguma (prova difícil, aula muito chata, chamada oral de surpresa), acabada

a aula, ele se retirava e a turma que, misteriosamente, permanecia em seus lugares, incoava o jingle das lâmpadas GE. Isso acontecia em uma sala especial, isolada, e com acesso por escada; o piso de madeira ecoava fortemente ao bater dos pés:

Se a lâmpada queimar
Não adianta estrilar
Nem bater o pé
[todos batiam fortemente o pé no estrado de madeira, produzindo enorme ruído na sala. Seguia-se o corinho:]

Vi-a-do, Vi-a-do, Vi-a-do...

Curiosamente, mesmo numa época super autoritária, numa escola de “pulso firme”, quando não havia nada parecido com representação estudantil ginásiana, esses protestos eram tolerados pela direção e até pelo professor B., que, quando muito, preparava uma vingancinha requintada; o que, para os alunos, somente confirmava a hipótese...

O R-N sempre tratou amplamente do jogo do bicho e é interessante notar que já em seu No. 2, de 21-5-1898, desnuda, em um pequeno conto, um interessante aspecto ligado ao jogo: o de ser usado por mulheres adúlteras para “lavagem de capitais”: explicar aos maridos traídos como conseguem tanto dinheiro...

Deu zebra

A pesquisa na imprensa confirma a versão de que a expressão foi criada pelo folclórico técnico Gentil Cardoso em 1964. Um fato interessante é que ao longo da década de 50, “zebra” na gíria esportiva era o atacante que perde um “gol feito”, como consta no “dicionário” do “Mundo Esportivo” de 22-7-1948.

Como costuma acontecer com as novas gírias que rapidamente se tornam populares, no carnaval do ano seguinte já saiu a marchinha “Deu zebra”, gravada por Castrinho, e em 1966 foi o tema do desfile da Unidos de Vila Isabel. Recém nascida a gíria (em entrevista de rádio na qual o técnico da pequena Portuguesa referia-se à “zebra” de sua vitória sobre o poderoso Vasco) o próprio Gentil dá entrevista à televisão explicando que a zebra representa o impossível, pois inexistente no jogo do bicho. (Cf. notícia do Diário Carioca, 29-7-1964).

Datação: fofoca

“Fofoca”, como sinônimo de “mexerico” (como nos famosos “Mexericos da Candinha” da “Revista do Rádio”), é de meados da década de 1950. Como de hábito, marchinhas de Carnaval promovem a nova palavra.

A “Última Hora” de 12-10-56 noticia: “(O compositor Gugu) tem uma nova bomba para o próximo reinado de Momo. A marchinha “Fofoca” com música também de Vicente Paiva [autor de ‘Sassaricando’, ‘Mãe eu quero’ etc.]”.

“Fofoca” (a mesma?), foi uma das campeãs do carnaval de 1958, gravada por Cezar de Alencar.

O “Diário da Tarde” (24-5-58) de Curitiba, explica aos leitores o significado da nova palavra:

“Fofoca” é mais ou menos uma coisa assim: “- Você sabe da última? O Fortunato comprou carro novo. Levou também a Rutinha, aquela da lambreta azul. Engraçado! O danado do carro do Fortunato só dá de enguiçar em zona deserta. Já tem até lugar certo de ficar “manco”.

Isto é a “fofoca”. Uma palavra que vai acabar certamente na Academia de Letras. Desbancou o “disse-me-disse”, o “ouvi-dizer”, etc. É o velho mexerico em “maillot” de duas peças. Está mais em evidência do que batom em boca de vedette.

Coitadas das palavras! Como os políticos e as notas promissórias têm os seus altos e baixos. Hoje valem muito, amanhã não valem nada. Vejam o triste caso de “mexerico”... [após décadas de glória, desbancado por fofoca]. (versão ampliada de artigo de “O Cruzeiro”, 15-03-58)

Datação: paquera

Pouco posterior a fofoca é paquerar. “A Luta Democrática”, de 22-12-1957, traz uma coluna “Paquerando”, que pouco tem que ver com o atual paquerar: são só notícias futebolísticas normais e breves (“espreitando” o futebol).

E a “Última Hora”, de 19-01-1959, noticia um crime no qual as testemunhas afirmam:

“É uma mulher frustrada no amor” – disseram – “Solteirona e nervosa. Tem o hábito de ficar ‘paquerando’ todos os casais que vêm namorar aqui na Felipe Camarão”.

Como a palavra é desconhecida, o jornal esclarece:

“Paquerar”, na terminologia das jovens. é ficar olhando por trás das cortinas os arroubos amorosos dos casais.

O mesmo sentido de *voyeur*: em 31-07-63, o mesmo jornal traz em “Os bastidores do futebol”, os relatos sobre jogadores brasileiros, em um hotel de Caracas (onde tudo era caríssimo), fazendo furtivamente furinhos na porta do quarto da Paquita, para de noite “paquerar”: observar a atriz trocar de roupa sem ser notados...

Em 1965, após o uso de espreitar em geral, finalmente, o significado de “paquerar mulher em festas, festejos e festivais (...). Paquerar, escolhe daqui, escolhe dali, faz a abordagem, mete uma conversa (...)” (Stanislaw Ponte Preta – “Última Hora”, 4-10-65). Sentido que, a partir de então, torna-se dominante.

Uma correção sobre datação: “fazer uma vaquinha”

Quanto a esta expressão só farei observações de datação. Diz o site da revista “Mundo Estranho” da Abril:

Qual é a origem da expressão "fazer uma vaquinha"?

Tudo indica que ela tenha sido criada pela torcida do time de futebol do Vasco, durante a década de 20. Na época, os fãs do clube carioca adotaram uma tática bastante eficiente para estimular os jogadores em campo. A cada resultado positivo, os atletas recebiam um prêmio em

dinheiro arrecadado pelos torcedores. O valor dependia do placar e era inspirado em números do jogo do bicho. Um empate, por exemplo, valia "um cachorro", que corresponde ao número 5 no bicho. Nesse caso, os boleiros embolsavam 5 mil réis. Uma vitória comum geralmente rendia "um coelho", o número 10 no jogo, ou o equivalente a 10 mil réis. Mas a recompensa mais cobiçada era justamente "uma vaca", o número 25 - ou seja, nada menos que 25 mil réis, pagos somente em vitórias históricas ou em conquistas de títulos.

Com o tempo, a expressão "fazer uma vaca", ou "fazer uma vaquinha" passou a ser usada sempre que um grupo de pessoas rachava uma despesa comum. Décadas depois, a palavra "vaca" ou "vaquinha" também foi usada para apelidar as cédulas de 100 cruzeiros. "No jogo do bicho, ela representa também o grupo de números terminados em 00. A associação deve ter surgido daí", afirma o filólogo (estudioso da língua e das palavras) José Pereira da Silva, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). (<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-e-a-origem-da-expressao-fazer-uma-vaquinha#>)

Não! A expressão não foi criada na década de 20 e é muito anterior ao Vasco. Já aparece na imprensa do século XIX (mesmo antes do jogo do bicho, que surgiu em 1892), preferentemente na forma "fazer uma vacca", mas também como "fazer uma vaquinha".

Assim, numa alegoria das nações, no "Diário de Pernambuco" (17-4-1878) a França propõe uma ação conjunta com a Áustria, dizendo precisamente: "Façamos uma vacca".

E em 4 de abril de 1896, "O Lynce" de Macaé, imagina um diálogo no qual um amigo propõe a outro "Queres fazer uma vacca?" para apostar no elefante no jogo do bicho...

E na "Gazeta da Tarde" (27-08-1887) do Rio de Janeiro, alguém propõe "fazer uma vaquinha" para apostar na corrida de cavalos.

As duas formas convivem, mas aos poucos "fazer uma vaquinha" acaba prevalecendo e desbancando a antiga "fazer uma vacca".

Café da manhã

Quando surgiu e se impôs a brasileiríssima forma "café da manhã" para o desjejum, *desayuno* ou *breakfast*?

Antes dessa expressão, usávamos a fórmula portuguesa "pequeno almoço", que nos servia também para indicar um lanchinho.

Assim, em "O Museo" (Museo Universal: jornal das famílias brasileiras No. 21, 25-11-1837) lemos: "Na seguinte manhã, depois de hum pequeno almoço, comido á pressa, foi preciso preparar-se para a partida".

Também "O Universal" de Ouro Preto, em 25-6-1841, fala em "pequeno almoço" e em 12-10-1850 o "Diário do Rio de Janeiro" noticia: "11 de Outubro - Na visita que Sua Magestade o Imperador fez hontem à fortaleza da Praia Vermelha, o mesmo augusto Sr. dignou-se de aceitar um pequeno almoço que lhe ofereceo o commandante da fortaleza, o sr. brigadeiro Leite".

No meio do século XIX já se começa também a falar em café da manhã. Em 5 de setembro de 1845, no "Jornal do Commercio", a "Casa de Pasto" anuncia que no dia 7 (feriado) "continuará nesta casa a haver café de manhãs e de tarde".

Em anúncio de 1860 (Correio Mercantil, 12-4-1860), o Collegio Garony anuncia que oferece aos alunos “quatro comidas por dia, além do café de manhã”.

No Correio Paulistano de 6-11-1862, oferece-se “comida barata (...) e também bom café de manhã e de tarde, tudo com muito azeite”

As duas formas convivem a partir da segunda metade do século XIX, mais ou menos como equivalentes, mas um anúncio da Pensão Derby, do Recife de 1901 (A Provincia, 12-12-1901) faz uma interessante distinção: por “dormida, banho frio e pequeno almoço” cobra mil réis a mais do que por “dormida, banho frio e café simples”...

Ainda ao longo da primeira metade do século XX, encontramos com relativa frequência, por exemplo em anúncios no “Jornal do Brasil”, a expressão “pequeno almoço” (pensão que oferece p.a., empregada que faz p.a., etc.) mas na língua falada prevaleceu absoluto o “café da manhã”.

Recebido para publicação em 01-02-16; aceito em 28-02-16